

NOT OUR DOGS ANYMORE: FICCIONALIZAÇÃO DA CRISE EPISTEMOLÓGICA EM ‘THE LEFTOVERS’

Rodrigo QUINAN, (UFF)¹

Resumo: Ao ar entre 2014-2017, a série "The Leftovers" (HBO) teve um mórbido prenúncio da pandemia do Covid-19 em sua proposta: 2% da população mundial desaparece misteriosamente e o mundo mergulha em uma crise institucional não tão diferente da ocorrida no mundo real: ciências são enfraquecidas e teorias da conspiração, cultos religiosos e tratamentos milagrosos se popularizam. Este artigo busca explorar como a crise epistemológica é ficcionalizada no universo de The Leftovers, analisando também a ressignificação de sua narrativa em um mundo pós-Covid-19.

Palavras-chave: Covid-19; Ficção Seriada Televisiva

Abstract/Resumen: Aired between 2014-2017, the series "The Leftovers" (HBO) had a morbid foreshadowing of the Covid-19 pandemic in its premise: 2% of the world's population mysteriously disappears and the world plunges into an institutional crisis not so different from the in the real world: sciences are weakened and conspiracy theories, religious cults and miraculous treatments become popular. This article seeks to explore how the epistemological crisis is fictionalized in The Leftovers universe, also analyzing the re-sinification of its narrative in a post-Covid-19 world.

Keywords/Palabras clave: Covid-19; Television Serial Fiction

Introdução

A pandemia do Covid-19 foi a maior crise sanitária enfrentada pela humanidade desde a Gripe Espanhola (1918), rapidamente modificando o cotidiano global ao instituir procedimentos de quarentena e medidas de precaução pelo mundo. A partir de Fevereiro de 2020, palavras como lockdown, máscara, álcool gel e vacinas tornaram-se representantes de demandas sanitárias de um novo momento, com um crescente número de mortes² dando urgência às recomendações de autoridades científicas.

Ainda assim, reações contra a ciência não só ocorreram, como passaram a se tornar uma das maiores preocupações no combate à pandemia. Teorias da conspiração, desinformação, negacionismo e apelo a tratamentos de eficácia não comprovada passaram a pautar a discussão sobre Covid-19. A OMS classificou que, além de uma pandemia, vivemos em uma *infodemia*: “um excesso de informações, algumas precisas

¹ Doutorando do PPGCOM-UFF <rodrigoquinan@id.uff.br>

² 5,4 milhões até o momento do encerramento do artigo.

e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa.”³.

Com o isolamento da quarentena, mais tempo foi passado em casa, e o consumo de ficção seriada televisiva aumentou (WILDER, 2021). Em Maio de 2020, justamente durante a pandemia, a HBO lançou seu reformulado serviço de streaming, o HBO Max. Uma das principais séries ofertadas foi *The Leftovers* (2014-2017), que apesar de ter durado apenas 28 episódios em 3 temporadas, recebeu aclamação crítica e esteve no topo de diversas listas das melhores da década de 2010⁴.

O enredo de *The Leftovers* ganhou ressignificações desconfortáveis durante a pandemia: a série, baseada em um livro de Tom Perrotta com o mesmo nome, conta a história de um mundo onde 2% da população desapareceu misteriosamente de um momento para o outro. Os motivos não são explicados e a sociedade entra em grande crise institucional, com ciência e religiões tradicionais perdendo força, e cultos, teorias da conspiração e pseudociências em ascensão.

A “*Partida Repentina*”, como é referida a espécie de arrebatamento que acontece na série, e o Covid-19, no mundo real, tem uma relação parecida com o colapso institucional: eles aceleram, e não criam, a crise epistemológica que se desenvolve há décadas. Instituições como a ciência, a medicina, os governos e a imprensa já enfrentavam problemas de credibilidade anos antes do Covid-19. *The Leftovers* poderia falar sobre teorias da conspiração e pseudociências mesmo sem seu repentino desaparecimento. Seu grande ponto narrativo funciona como habilitador, dando urgência e originalidade à abordagem destas questões.

Este artigo busca analisar a forma como *The Leftovers* ficcionalizou a crise epistemológica em sua narrativa. Faremos esta análise com sua ressignificação em um mundo pós Covid-19 em mente. Estruturamos o artigo em duas partes: a primeira busca definir o que é a crise epistemológica que o mundo enfrenta de forma acentuada nas últimas décadas para, na segunda, falar de sua ficcionalização em *The Leftovers*.

³ https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=16 (Acesso: 09/01/2022)

⁴ <https://www.metacritic.com/feature/best-tv-shows-of-the-decade-2010s> (Acesso: 09/01/2022)

Definindo Crise Epistemológica

Victor Pickard (2017) nomeou o período de acentuada crise epistemológica como *sociedade da desinformação*, apontando três fatores como causadores dessa crise informacional: poucos fundos para jornalismo de credibilidade; a crescente dominância de plataformas que privilegiam lucros e sucesso métrico sobre o bem público, consequentemente, sendo favorável a desinformação; e a “captura regulatória”, quando agências governamentais empregam em posições chaves indivíduos que apoiam e às vezes até se beneficiam diretamente das indústrias que elas regulam.

Pseudociência (ora referidas como *fake sciences*) e pseudomedicina ganham cada vez mais espaço neste mundo de comunicações fragmentadas, chegando a ter consequências palpáveis na saúde mundial. O movimento anti-vacina do século XXI nasce com um artigo publicado pelo pesquisador britânico Andrew Wakefield na revista *The Lancet*, em 1998. O artigo apontava a vacina VASPR (contra sarampo, papeira e rubéola) como causadora do autismo; ele foi deserdado e fraudes durante sua pesquisa foram comprovadas⁵, mas o movimento anti-vacina não deixou de crescer, especialmente sob novas tecnologias como o YouTube espalhando novas teorias da conspiração envolvendo vacinas. Em 2018, a Organização Mundial da Saúde listou o movimento antivacinação como um dos 10 maiores riscos à saúde global⁶.

O avanço desregulado das novas mídias é peça essencial para a disseminação de desinformação e teorias da conspiração. Sob políticas liberais, sites como o YouTube tomam como estratégia minimizar seu papel como mediador, atribuindo a responsabilidade pelo conteúdo a seus usuários, buscando a identidade de “plataforma” (GILLESPIE, 2010), guardião da liberdade de expressão que dá voz em igual para diferentes grupos. Fugindo da responsabilidade sobre seu próprio conteúdo, colocando negócios primeiro para abstrair de qualquer tipo de intervenção (ao contrário da curadoria mais pautada em normas cuidadosa da mídia tradicional de outrora), o YouTube, dá alcance para discursos pseudocientíficos, extremistas e conspiradores não

⁵Fraudes marcaram a pesquisa de Wakefield contra vacinas: <https://www.bmj.com/content/342/bmj.c7452.full> (Acesso: 09/01/2022)

⁶OMS lista movimento anti-vacina como grande risco a saúde global: <https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/movimento-antivacina-incluido-na-lista-de-dez-maiores-ameacas-saude-em-2019-23413227> (Acesso: 09/01/2022)

apenas os mantendo no ar, mas fazendo uma curadoria para seus consumidores com algoritmos de recomendações⁷, efetivamente tratando conspiracionistas e extremistas como mais um de tantos nichos essenciais para o modelo de negócios do site.

Neste cenário, até mesmo movimentos em obscuridade por décadas voltam a ganhar espaço. O movimento terraplanista, que defende que o formato da Terra é plano, nunca deixou de existir, geralmente motivado por literalismo bíblico, mas entrou em considerável baixa após a corrida espacial na década de 1960 (GARWOOD, 2007). Na era digital, em sites como YouTube, Facebook e Twitter, o movimento encontrou nova vida, ressurgindo com grandes repercussões⁸, seus vídeos no YouTube chegando a ter milhões de visualizações (ALBUQUERQUE & QUINAN; 2019). Até mesmo a *The Flath Earth Society*, grupo terraplanista fundado em 1956, até pouco tempo praticamente defunto, faz um retorno considerável no mundo digital, sendo relançado em 2009⁹ com novo site, fóruns, wiki e mídias sociais, contando com mais de 500 membros registrados.¹⁰

O mundo *pós-verdade*, como por vezes passa a ser definido o estado epistemológico do ocidente após as eleições americanas de 2016, tem crenças pessoais e apelos emocionais ganhando força no argumento político em detrimento a fatos objetivos, métodos científicos e institucionais. Frustrando diretamente ideias de cientistas do século XIX e XX que previam um monopólio do pensamento científico após a queda da autoridade religiosa (AUPERS, 2012), o modelo entra cada vez mais em vigor graças a gestões neoliberais de novas mídias, estratégias políticas de novos grupos conservadores populistas e o próprio distanciamento do indivíduo moderno das suas próprias instituições.

Luiz Signates (2012) aponta que a ciência no mundo contemporâneo vive uma série de crises e questionamentos, decorrentes dos mais diferentes fatores, incluindo

⁷ Youtube apontado em artigo no NY Times como grande agente por trás da direita radical no Brasil: <https://www.nytimes.com/2019/08/11/world/americas/youtube-brazil.html> (Acesso: 09/01/2022)

⁸ Matéria no The Guardian sobre terraplanistas e teorias da conspiração: <https://www.theguardian.com/science/2016/jan/20/flat-earth-believers-youtube-videos-conspiracy-theorists> (Acesso: 09/01/2022)

⁹ Site oficial do Flat Earth Society: <https://theflatearthsociety.org/home/> Acesso: 05/02/2020

¹⁰ Lista de membros do Flat Earth Society: <https://www.theflatearthsociety.org/home/index.php/about-the-society/membership-register> (Acesso: 09/01/2022)

uma crise social relacionada ao entendimento “de que a ciência não consegue atender a algumas das mais caras promessas da modernidade: a da justiça social, a da construção ética e a da solidariedade, racionalmente fundamentadas” (SIGNATES, 2012 p.140). Similarmente, outras instituições passam por similar crise de credibilidade, algo acentuado pela cobertura de escândalos fiscais, governamentais e policiais na imprensa.

O Covid-19 representou novos desafios para o enfrentamento da crise de credibilidade institucional. Três simples procedimentos, foram recomendados como extremamente eficazes para a redução do contágio: o isolamento social, a higienização com álcool gel e o uso de máscaras. Em campanhas promovidas por autoridades e pela mídia, o trio foi recomendado como não apenas uma questão de responsabilidade individual, mas coletiva. Os três receberam resistência, assim como a vacina receberia em um futuro próximo.

O lockdown enfrentou a fúria de negacionistas, que argumentavam que a pandemia estava sendo exagerada e/ou que consequências econômicas seriam mais significativas do que as mortes. Após o período inicial de quarentena absoluta, logo governos cederam à pressão de comerciantes e economistas e começaram a flexibilizar o lockdown. Enquanto o álcool gel teve um negacionismo mais tímido, manifestado em desinformações que erroneamente afirmavam que ele seria responsável por incêndios ou de que não seria efetivo, o uso de máscaras enfrentou enorme resistência que escalou de indivíduos propositalmente aglomerando sem elas até gestos de violência de outros que foram barrados de estabelecimentos que a exigiam.

Nem mesmo a vacina, que sinaliza evitar milhares de mortes e finalizar o drama da pandemia, escapou de negacionismos, com indivíduos fazendo oposição à vacinação, espalhando teorias da conspiração que há alguns anos pareciam relegadas ao humor absurdista, como a de que elas iriam instalar microchips de controle populacional no organismo dos vacinados. Os desafios contra a infodemia estão longe de terminar, com o cenário apontando que os cuidados necessários após a fase de vacinação inicial também enfrentarão dificuldades negacionistas. Contra a desinformação, as instituições tentam responder reclamando a autoridade para si, com editais da mídia tradicional buscando reafirmar a autoridade e importância do jornalismo tradicional. A divulgação científica segue ocorrendo de forma tímida, com o diálogo pouco realizado a audiências

impactadas por desinformação, faltando iniciativas para um modelo de comunicação científica direta e acessível com a grande parte da população.

***The Leftovers*: Ficcionalizando a Crise Epistemológica**

The Leftovers foi criado por Damon Lindelof e Tom Perrotta, estando no ar na programação da HBO entre 2014 e 2017, quando produziu 3 temporadas. Lindelof anteriormente havia produzido a série *Lost* (ABC, 2004-2010), cujo *Leftovers* tem similaridades. Perrotta é autor do livro cuja série foi levemente baseada, cobrindo parte de seus eventos apenas na primeira temporada. A série inicialmente falhou em atrair grande audiência, mas atraiu novo interesse e aclamação após uma reformulação do enredo nas duas temporadas finais.

The Leftovers mostra, em suas primeiras cenas, o repentino e inexplicável desaparecimento de 2% da população mundial, cerca de 140 milhões de pessoas, no ano de 2011. A série logo corta para o ano de 2014, quando a humanidade ainda busca lidar com as consequências do trauma. O mundo de *Leftovers* é mostrado sob enorme crise institucional, com um declínio de crença de religiões convencionais, de credibilidade na ciência e uma ascensão de cultos, pseudociências e teorias da conspiração.

A série passa na pequena cidade de Mapleton, NY, tendo como personagens principais a família Garvey: Kevin Garvey Jr vê sua família desmontada após a Partida Repentina, com sua esposa Laurie e seu filho adotivo Tommy se juntando a diferentes cultos religiosos, o deixando para viver com sua filha Jill, cuja relação é complicada. No final do piloto, é revelado que Garvey não perdeu ninguém no “evento”, tendo sua família psicologicamente dilacerada mesmo assim. A outra personagem principal é Nora Durst, que ao contrário dele, teve o marido e os dois filhos desaparecidos, tornando-se uma figura infame em Mapleton. Seu irmão, Matt Jamison, é um pastor impopular que busca pregar que o desaparecimento coletivo não foi um “arrebato” cristão, tentando expor pecados dos desaparecidos como evidência.

The Leftovers tem sido analisado pelo seu retrato do luto. A série retrata uma ocorrência em massa de “morte social” (PATTERSON, 1982), uma vez que a falta de explicações do desaparecimento coletivo não traz um desfecho para a perda, negando o estágio final do processo de luto. Três anos após a Partida Repentina, personagens da

série ainda mantém esperança que seus entes queridos retornem. Gatti e Peris (2020) comparam o estado do mundo na série com o da Argentina, nos anos após o Golpe de 1976, quando milhares de desaparecimentos trouxeram símbolos de luto à vida pública e privada do país.

A série também tem sido analisada por sua retextualização em tempos de Covid-19, onde sua narrativa desconfortavelmente reflete perdas coletivas e colapso institucional do mundo real. Wilder (2021, p.2) observa:

Usando o termo introduzido pelo acadêmico Taylor Cole Miller (2021), a pandemia do coronavírus retextualiza *The Leftovers*. Um conceito que busca combinar e estender o estudo anterior de televisão com [ideias de] intertexto, paratexto e fluxo, [a] retextualidade argumenta que, ao invés de tratar um texto como um objeto fixo removido de circunstâncias externas, um determinado texto deve sempre ser examinado no contexto específico de sua visualização. Em uma formulação particular do retexto que Miller se refere como “cultural”, a intersecção de um texto de mídia e as circunstâncias do seu consumo revelam um texto não apenas reenquadrado mas recriado como novo pelas circunstâncias históricas e culturais do seu consumo.

The Leftovers ficcionaliza a crise epistemológica em um mundo que não consegue fazer sentido de uma grande tragédia para seguir em frente. A falta de lógica da “partida repentina” impede formas convencionais de luto e enfrentamento da morte (VAN KESSEL, 2016). O mundo também se sente ameaçado: outro “evento” pode acontecer? Os indivíduos em *Leftovers* ficam a sós para fazer sentido do acontecimento.

Instituições tentam responder. Nora Durst trabalha para o “Departamento de Partidas Repentinas”, instituição governamental que busca catalogar dados sobre os sumiços. A cidade de Mapleton, no aniversário de três anos do “evento”, busca fazer um Dia dos Heróis, com uma parada em homenagem aos desaparecidos. Mas a tensão logo se instaura nas autoridades, que temem algum tipo de sabotagem.

Os suspeitos são o culto Remanescentes Culpados. A seita é formada por niilistas que se recusam a voltar à vida normal. Eles são proibidos de falar, vestem branco e são fumantes compulsivos. Sua função é constantemente lembrar ao resto da população da Partida Repentina, causando uma série de assédios, constrangimentos e agressões. Eles perseguem pessoas silenciosamente, entram em suas casas para roubar fotos dos entes desaparecidos e, no final da temporada, colocam bonecos realistas,

modelados e vestidos na aparência dos desaparecidos, nas casas de seus parentes, o que leva a um surto de violência em Mapleton.

O culto é similar a seitas do fim do mundo como o Heaven's Gate, o Branch Davidians e o Peoples Temple. Enquanto estes paralelos do mundo real esperavam um momento de salvação, antecipado com o suicídio (à exceção do Branch Davidians), os Remanescentes Culpados vivem em permanente negação de que o “evento” não foi, de fato, o fim dos tempos. A seita representaria o estado de negação do luto após uma tragédia. Gattis e Peris (2020, p.6) escrevem:

Se o [Remanescentes culpados] tem uma essencial missão, é a de resistir ao chamado “Retorno à Normalidade”, o processo cotidiano de esquecer o “arrebato”, ou, pelo menos, de consigná-lo ao passado, tratando-o como parte da estrutura contínua de história humana, ao invés do cataclismo que teve trouxe um fim à história.

O Remanescentes Culpados não é o único culto retratado na série. Outro grupo, conhecido como Divine, é mostrado como um culto de personalidade em torno do suposto milagreiro Holy Wayne. A história do Divine é repleta de paralelos com o Branch Davidians: seu líder usa do seu status messiânico de pretexto para abuso sexual, engravidando uma fiel sob justificativa de que a criança seria sagrada. Na vida real, o líder do Branch Davidians, David Koresh, manteve relações sexuais com fiéis menores de idade. O bebê acaba adotado pela família Garvey. Ele acaba assassinado, e seu culto destruído, pela força militar da organização governamental ATFEC (Traduzido: Agência de Álcool, Tabaco, Armas de Fogo, Explosivos e Cultos). A invasão homicida, com força policial exagerada, remete ao Cerco de Waco (1993), polêmico episódio onde o Branch Davidians foi aniquilado pelo ATF (Traduzido: Agência de Álcool, Tabaco, Armas de Fogo e Explosivos). O acréscimo de “cultos” ao nome da agência ficcional aponta que, em um mundo de crise institucional, seitas de religiosos extremistas se tornaram um problema comum.

Teorias da conspiração têm sido analisadas pela sua ascensão justamente em momento de crise epistemológica. No Covid-19, elas foram instrumentalizadas como base de argumentos negacionistas, seus alvos variando de bilionários como Bill Gates a inimigos ocidentais como a China, acusada por conspiracionistas de acobertar as razões do vazamento do vírus – ou de simplesmente criá-lo como arma química (QUINAN,

ARAÚJO & ALBUQUERQUE; 2021). Teorias da conspiração podem surgir de uma necessidade coletiva de dar sentido e propósito para acontecimentos traumáticos, injustos e de difícil compreensão, onde a explicação delas busca restaurar o sentido perdido, humanizando, dando razão, corpo e causas a episódios dolorosos a fim de justificar que seus acontecimentos não ocorreram por nada (NICOLAS, 2016).

Acontecimentos como o 11 de Setembro, a pandemia do Covid-19 ou a Partida Repentina ficcional de *The Leftovers* se enquadram: seu trauma causa perda de controle de indivíduos comuns, e conspiracionistas podem usar as teorias como mecanismo para ganhar de novo ação sobre os acontecimentos, buscando motivos e culpados para os eventos traumáticos.

O universo de *The Leftovers* é habitado por teorias da conspiração, a mais relevante envolvendo cães. Após a partida repentina, os cães de Mapleton passam a apresentar comportamentos erráticos, andando em ferozes matilhas na rua. A série insinua que o desaparecimento de donos ou a negligência de sobreviventes em mal estado psicológico pode ser a causa, mas como em tantos enredos de *Leftovers*, a ambiguidade fica no ar. Já no primeiro episódio da série, Kevin Garvey encontra Dean, um excêntrico personagem com caracterização que remete a grupos paramilitares americanos. O homem sai pelas ruas executando cães, vagamente insinuando que eles teriam a ver com o desaparecimento repentino ou que algo, após o “evento”, os tornou malignos. Em mal estado psicológico, Kevin ouve dele: “They are not our dogs anymore” (“Eles não são mais nossos cachorros”), e é convencido a se juntar a Dean – e outras pessoas – em um dedicado extermínio de cães em Mapleton. O protagonista encerra o piloto abrindo fogo em uma matilha.

O arco mostra o conspiracionismo como habilitador de episódios aleatórios de violência, não tão diferente dos ataques de torres de telecomunicação 5G durante a pandemia do Covid-19¹¹. O personagem Dean retornaria na terceira temporada da série, lançada um ano após a eleição de Donald Trump. Mais caracterizado como um típico conspiracionista de extrema-direita - paranoico, armado e aprofundando novas teorias da conspiração sobre os cães. Em uma manifestação pública de violência, ele é morto pela polícia de Mapleton.

¹¹ <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/04/04/torres-5g-sao-incendiadas-no-reino-unido-por-conspiracao-com-coronavirus.htm> (Acesso: 09/10/2022)

Por fim, a ciência tradicional é outra instituição a enfrentar uma crise de credibilidade na série. Um enredo central que abre questões sobre pseudociência é presente nos episódios finais de *Leftovers*, quando a personagem Nora é assediada recebendo várias ligações de um grupo de cientistas, aparentemente fajutos, prometendo reuni-la com sua família desaparecida. O método seria através de uma máquina que, selando os usuários em um compartimento, faria uma enorme exposição à radiação. Segundo os pseudocientistas, o processo os levaria a uma espécie de universo paralelo onde os entes queridos ainda estariam vivos. Nora não está convencida: seguindo lógicas da ciência tradicional, as pessoas seriam meramente incineradas vivas. Nora decide viajar para Melbourne, Austrália, a fim de expor a fraude e responsabilizar os culpados pelo potencialmente letal tratamento alternativo.

O enredo é extremo, mas reflete inúmeros desenvolvimentos pseudocientíficos cada vez mais popularizados, especialmente com a acessibilidades das redes sociais. Soluções milagrosas (MMS) têm sido popularmente vendidas por dedicados pseudocientistas (OLIVEIRA, QUINAN & TOTH, 2020), enquanto vídeos do YouTube perigosamente recomendam produtos de limpeza como cura para o autismo¹². O Covid-19 deu continuidade às ocorrências, o Brasil particularmente lidando com recomendações governamentais de medicamentos de eficácia não-comprovada como a hidroxicloroquina e o ivermectina.

No fim, Nora Durst cede a seu frágil estado emocional, e ainda desesperada para se reunir com sua família, decide seguir em frente com o experimento. Uma das últimas cenas da série mostra Durst entrando no máquina e o tratamento começando, mas *The Leftovers*, que deixou tantas conclusões ambíguas (como seu antecessor *Lost*), termina sua narrativa deixando em aberto se a personagem seguiu em frente com o tratamento pseudocientífico ou o interrompeu no último minuto.

Conclusão

Situando sua narrativa em torno do delicado tema do luto, *The Leftovers* pintou zonas cinzentas e foi aclamado por sua delicadeza, apresentando um conjunto de personagens incapazes de seguir em frente após uma inexplicável tragédia. A série

¹² <https://www.nbcnews.com/tech/internet/moms-go-undercover-fight-fake-autism-cures-private-facebook-groups-n1007871> (Acesso: 09/01/2022)

também é rica no seu retrato da crise institucional que segue o colapso, mostrando as dificuldades das instituições em lidar com as consequências sociais da Partida Repentina. *The Leftovers* é especialmente uma oportunidade de analisar a crise epistemológica, quando teorias da conspiração, cultos e pseudociências se encontram em perigosa ascensão. Este artigo buscou analisar a ficcionalização desta crise no universo da série, acreditando que não apenas seus méritos narrativos são relevantes, mas que este retrato é valioso para compreender desenvolvimentos do mundo real. Encorajamos a continuidade da pesquisa, acreditando que *The Leftovers* ganha recente relevância por sua aclamação crítica, mas ainda não recebeu tanta atenção acadêmica quanto outros produtos da sua emissora, abrindo assim oportunidade para trabalhos originais.

Referências

- ALBUQUERQUE, Afonso; QUINAN, Rodrigo. 2019. Crise epistemológica e teorias da conspiração: o discurso anti-ciência do canal “Professor Terra Plana” . **Revista Mídia e Cotidiano**. v. 13 n. 3 (2019): Mídia, Educação e Democracia: diálogos e desafios em tempos de crise
- AUPERS, Stef. ‘Trust No One’: Modernization, paranoia and conspiracy culture. **European Journal of Communication** 2012, 27: 22
- GATTI, Gabriel & PERIS, Jaume. 2020. The leftovers. The dead in life and social disappearance, **Death Studies**, DOI: 10.1080/07481187.2020.1771851
- GARWOOD, C. **Flat Earth: The History of an Infamous Idea**. Macmillan, 2007.
- GILLESPIE, T. The politics of “plataforms”. **New Media & Society**, 12(3) – 347-364, 2010
- MILLER, Taylor Cole. 2021. “Rewitched: Retextuality and the Queering of Bewitched,” forthcoming in **Camera Obscura** 36, no. 3.
- NICOLAS, Loic. 2016. As Teorias da Conspiração Como Espelho Do Século: Entre a Retórica, A Sociologia e a História das Ideias. EID&A – **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n: 12. Jul/dez 2016.
- OLIVEIRA, Thaiane; TOTH, Janderson; QUINAN, Rodrigo. 2020. Antivacina, fosfoetanolamina e Mineral Miracle Solution (MMS): mapeamento de fake sciences ligadas à saúde no Facebook. **Reciis**.
- PATTERSON, O. 1982. Slavery and social death. **University Press**
- PICKARD, Victor. 2017. **The big picture: Misinformation Society**. Public Books
- QUINAN, R. .; ARAUJO, M.; DE ALBUQUERQUE, A. A Culpa é da China! : O discurso sino-conspiratório no governo Bolsonaro em tempos de COVID-19. **Revista ECO-Pós**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 151–174, 2021. DOI: 10.29146/ecopos.v24i2.27698. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27698. Acesso em: 9 jan. 2022.

SIGNATES, Luiz. Epistemologia e comunicabilidade: as crises das ciências, ante a perspectiva da centralidade do conceito de comunicação. **Comunicação & Informação**, v. 15, n.2, p.133-148, jul/dez.2018.

VAN KESSEL, Cathryn. 2016. The Transparency of Evil in The Leftovers and its Implications for Student (Dis)engagement, **Educational Studies**, 52:1, 51-67, DOI: 10.1080/00131946.2015.1120206

WILDER, Seth. 2021: Leftovers in the Time of COVID: A Pandemic and the Retextualization of an HBO Series, **Quarterly Review of Film and Video**, DOI: 10.1080/10509208.2021.1939629